

Competências e habilidades comunicativas no contexto de ensino de língua!?

Amanda da Costa Carvalho¹
Antonio Almir Silva Gomes²

RESUMO: Ao apresentarmos esse texto utilizando-nos do gênero *squib*, o fazemos afim de chamar a atenção para a relação do uso / compreensão de competências e habilidades – tão discutidas no âmbito da Linguística Aplicada – com o professor de linguagens da sala de aula indígena. Interessa-nos, sobretudo, formular a questão seguinte: em que medida adotar e quais ganhos possíveis de serem adquiridos na sala de aula de linguagens em contexto da Educação Escolar Indígena tomando-se uma melhor compreensão e uso de conhecimentos provenientes desta discussão? Nosso interesse neste *squib*, portanto, não é propor respostas à questão formulada, mas apenas chamar a atenção à mesma.

Palavras-Chave: Competência. Habilidade. Ensino de Língua. Indígena.

Competence and skills in the indigenous language teaching contexts

ABSTRACT: We present this squib to point out the relation between the use/comprehension of the competences and skills – which have been discussed a lot in the Applied Linguistic spot – with the language teacher behavior in the indigenous classroom. Our aim is make questions as follow: how to do and how gain is possible to be acquire in the classroom in the Indigenous Education School turning it a better comprehension and use for the knowledge discussed here? We are interested in not to construct questions for the formulated squib, but to problematize it. In this way, we focus this on the language teachers, as they mother language as foreign.

Keywords: Competence. Skill. Language Teaching. Indigenous.

1 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES NO ENSINO DE LÍNGUAS

O uso dos conceitos de competências (*Competence*) e habilidades (*skills*) é muito presente ao pensamos no ensino de línguas estrangeiras, principalmente quando utilizamos suporte teórico produzido e/ou direcionado ao ensino de língua inglesa. Widdowson (1983), ao tratar de competência (comunicativa), a distingue de capacidade. Segundo o autor, competência relaciona-se a conhecimento convencional linguístico e sociolinguístico, ao passo que capacidade relaciona-se a um conhe-

¹ Graduanda do curso de Letras / Inglês da Universidade Federal do Amapá. Professora de Inglês em escolas de cursos livres na cidade de Macapá. Membro do Núcleo de Estudos de Línguas Indígenas (NELI-Unifap/CNPq). Contato: aamandacrvlh@gmail.com

² Professor de Linguística do curso de Letras da Universidade Federal do Amapá. Coordenador do Núcleo de Estudos de Línguas Indígenas (NELI-Unifap/CNPq). Tem experiência docente na área de Linguagens e Códigos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Unifap. Contato: a2sg@bol.com.br

cimento de natureza muito mais próxima da metalinguagem³. Esta distinção evidencia o caráter amplo do “domínio linguístico” referente à competência, que ultrapassa a simples decodificação gramatical da própria língua (capacidade). Distinções nesse sentido podem ser encontradas, por exemplo, em Hymes (1979) ao diferenciar competência linguística de competência comunicativa. Esta última, segundo o autor, constitui-se de competência discursiva, gramatical, estratégica e sociolinguística, enquanto que a primeira compreende, de modo aproximado ao que apontado por outros autores, os conhecimentos inerentes a estrutura interna da língua. Ainda sobre competências linguísticas, pode-se identificar, a partir de Canale e Swain (1980), as seguintes: competência organizacional (gramatical e discursiva), competência pragmática (funcional / sociolinguística), competência estratégica, habilidades psicomotoras.

De modo geral, importa ressaltar a semelhança entre as diversas definições de competências de princípios linguísticos com a amplitude de seu significado, que extrapola os limites da própria língua. As habilidades seriam exatamente o reflexo desta extrapolação, uma vez que se constituem a concretização do uso real da língua. Canale e Swain, *op. cit.*, caracterizam habilidades como a forma em que o indivíduo usa o conhecimento na comunicação real.

Falar de habilidades no contexto de ensino / aprendizagem de línguas implica pensar nas quatro seguintes: leitura, fala, escrita e audição. Brown (2007, p. 284) atribui às habilidades de fala e escrita um status de performance produtiva e às habilidades de leitura e audição status de performance receptiva. Ainda segundo o autor, os dois conjuntos formam as habilidades que todo aprendiz deve dominar ao estudar línguas. Assim, as mesmas devem fazer parte da vida do aluno, como também as competências. O professor deve, portanto, estar atento a essas questões. No contexto de sala de aula de inglês como língua estrangeira, por exemplo, as ações docentes tratam as habilidades mencionadas sempre atreladas a situações reais de uso da língua. Assim é comum a utilização de técnicas como *brainstorming* em que, a partir de um tópico, os alunos são encorajados a expressar-se utilizando-se de conhecimento prévios; *storytelling*, que consiste na apresentação de histórias; *interview*, na qual os alunos são estimulados a estabelecer comunicação através de perguntas formuladas por eles mesmos; *movies*, momento em que devem interagir com o próprio filme e, conseqüentemente, com os demais; *discussion*, uso de debates para gerar discussão individual e/ou coletiva sobre determinado tópico; *role-play*, momento em que estabelecem diálogos livres, sem tópico pré-definido.

³ But by ‘capacity’ I mean the ability to exploit the resources for meaning in a language which have only partially been codified as competence and are only partially describable, therefore, in grammars. Capacity is, therefore, as implied previously in this chapter, the natural language analogue of the educational process. (WIDDOWSON, 1983, p. 26).

No geral, a consciência conceitual da diversidade de ações didáticas que emana de compreensão teórica acerca de competências e habilidades tem mostrado resultados positivos no contexto do ensino de língua estrangeira. Nos perguntamos diante deste cenário o seguinte: tais resultados positivos poderiam se repetir no contexto de ensino de línguas na Educação Escolar Indígena? Seria esta uma forma de “fugirmos” de modelos de ensino pautados em metalinguagem (“ensino tradicional”)? Na seção a seguir, discutimos um pouco sobre isso. Novamente perguntas são o recurso utilizado.

2 APROPRIAÇÃO DE TEORIAS NA PRÁTICA PELO PROFESSOR INDÍGENA

Após a ocupação do território nacional por populações europeias, ocorrida sobretudo no século XVI, as populações indígenas brasileiras tiveram que encontrar alternativas para amenizar as interferências externas à sua sociedade. Utilizam para tal a própria alteridade. Para Meliá (1999, p. 11), “os povos indígenas mantêm sua alteridade graças a estratégias próprias de vivência sociocultural, sendo a ação pedagógica uma delas”. Nossa discussão perpassa exatamente essa ação pedagógica, mais precisamente aquela empreendida sob o rótulo da Educação Escolar Indígena que, sabemos, idealmente deve contrastar modelos educacionais pautados na dominação, na negação de identidades, na integração e na homogeneização cultural – talvez ainda presentes em muitos contextos indígenas – com modelos educacionais reivindicados pelas próprias populações indígenas, onde se constatem, por exemplo, ações que potencializem o pluralismo cultural, o respeito e a valorização de identidades étnicas.

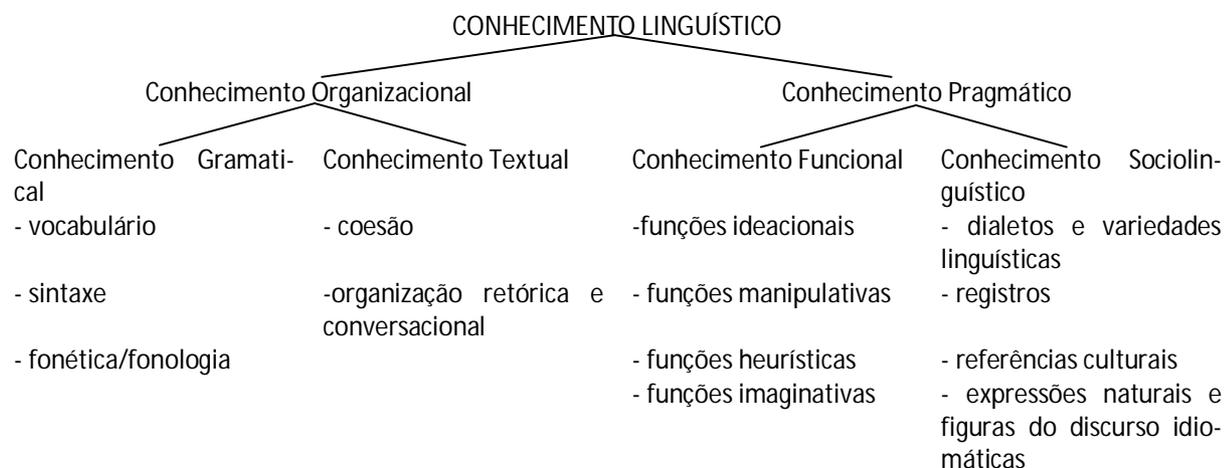
Essa compreensão “contrastiva” tem suas bases lançadas ainda na segunda metade do século XX e é suportada, sobretudo, pela Constituição Federal de 1988, que reconhece a diversidade indígena brasileira e garante-lhe direito à sua manutenção. Como resultado, nas décadas seguintes, se observa a presença de docentes indígenas na escola da própria comunidade, tendo acesso, inclusive, à graduação específica, denominada Educação Intercultural Indígena. Diante disto, nos perguntamos: as práticas de ensino de línguas na escola indígena têm melhorado com a participação no quadro docente de egressos destas licenciaturas? As práticas de ensino pautadas em ações metalinguísticas outrora atestadas têm sido substituídas por práticas que considerem a diversidade e o lugar / importância de cada língua presente na escola na vida dos discentes? Esse conjunto de perguntas ocupa-se com o interior da sala de aula da escola indígena e seu professor. É necessário questionar-se, igualmente, acerca da formação específica de professores, via Licenciatura Intercultural Indígena, que atuarão na escola indígena, já mencionada anteriormente. A este respeito, nos questionamos quão presentes estão discussões cujo escopo sejam competências e habilidades no ensino de línguas? Há um entendimento entre os professores da área de Linguagens e Códigos destes cursos acerca do papel e ganhos com esse tipo de discussão?

Acreditamos, sobretudo, que a consciência do professor da escola indígena acerca desse tipo de discussão deve ser iniciada ao longo de sua formação acadêmica, nos cursos de Licenciatura Intercultural Indígena portanto. Perguntas docentes comuns acerca de suas práticas, tais como as apresentadas a seguir podem encontrar amparo em uma consciência acerca de competências e habilidades: Quais metodologias são adequadas às práticas de ensino de língua para o contexto indígena? Quais recursos utilizar? Como avaliar este público? Qual diferença metodológica entre ensinar uma língua materna e uma língua adicional? Qual diversidade metodológica é possível de ser utilizada no sentido de diversificar as próprias ações de ensino?

A graduação na Licenciatura Intercultural Indígena deve exatamente permitir a seus formandos construir experiências e conhecimentos não apenas baseados em ações empíricas, mas teóricas, sobretudo por conta dos avanços pertinentes na área de Linguística Aplicada. Ter domínio de questões teóricas sobre o tema deste *squib* amplia aos professores o arcabouço de possibilidades no ensino de línguas. Aqui nos referimos seja ao ensino de língua indígena ou portuguesa como língua materna ou adicional.

Para finalizar a discussão sustentada neste *squib*, novamente pensando o professor na sala de aula indígena, apresentamos a divisão de conhecimentos linguísticos conforme proposta por Bachman e Palmer (1996, p. 68), onde identifica-se

Esta proposta pode ser um ponto de partida a este professor no sentido de identificar a diversidade de possibilidades no ensino de línguas tomando-se como referência as competências linguísticas. Vale a pena ao professor em questão observar que, no conjunto de quatro tipos distintos de conhecimentos, o gramatical constitui-se apenas em um, havendo, portanto, três mais que, igualmente, merecem a atenção.



(cf. Bachman e Palmer, 1996, p. 68)

3 REFERÊNCIAS

- BACHMAN, L. F; PALMER, A. S. **Language Testing in Practice**: Designing and Developing Useful Language Tests. Oxford: OUP, 1996.
- BROWN, H. Douglas. **Teaching by Principles**: An Interative Approach to Language Pedagogy. 3. ed. New York: Pearson Education, 2007.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- CANALE, M; SWAIN, M. Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing. **Applied Linguistics**, 1980, 1, p.1-47.
- HYMES, D. H. On communicative competence. In. BRUMFIT, C. J; JOHNSON, K. **The communicative approach to language teaching**. Oxford: OUP, 1979.
- MELIA, B. **Educação indígena na escola**. In: Cadernos Cedes, ano XIX, n. 49, Dezembro/1999.
- WIDDOWSON, H. G. **Learning purpose and language use**. Oxford University Press: OUP, 1983.